

## AS PERCEPÇÕES DAS PAISAGENS E DO LUGAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Laila Maria de Sousa Naves<sup>1</sup>  
Marilene Dantas Cruz Marinho<sup>2</sup>  
Carmem Lúcia da Costa<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo objetiva investigar a partir de conceitos-chave do pensamento geográfico, de qual forma se deu a evolução dos conceitos de paisagem e lugar, bem como, de percepção dessas categorias geográficas para crianças de Educação Infantil. Justifica-se a escolha desses sujeitos, pois, eles aprendem por meio destas sensações, no qual tendem a levar objetos até a boca, para senti-los, fase essa denominada como “fase oral”. Desta maneira, os sentidos humanos (paladar, tato, olfato, visão e audição) são fundamentais para a percepção da paisagem/lugar. A realização deste estudo perpassou por revisão de literatura sobre o tema Pensamento Geográfico, Concepções de Paisagem e Lugar para crianças, além de contribuições práticas de Trabalho de Campo, realizado nos Municípios de Caldas Novas e Rio Quente (GO) e reflexões da disciplina Teoria e Metodologia da Ciência Geográfica, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Salienta-se que as crianças desenvolvem cognição a partir da interação com outros sujeitos e o lugar que está inserido, desta forma as brincadeiras lúdicas como o Jogo de Papeis Sociais e a Caça ao Tesouro, contribuem para aprendizado de noções topológicas importantes: alto, baixo e lado.

**Palavras-chave:** Paisagem; lugar; percepção; brincadeira; criança.

### Introdução

Este estudo propõe investigar sobre a relevância das Categorias Geográficas: Lugar e a Paisagem, bem como, de qual forma se desenvolve a percepção para crianças entre três e seis anos de idade a partir destas categorias de análise mencionadas. Como é de conhecimento, esses sujeitos aprendem por meio das sensações, ou seja, elas tendem a levar objetos, por exemplo, até a boca, para senti-los: essa fase é denominada “fase oral”. Dessa maneira, os sentidos humanos (paladar, tato, olfato, visão e audição) são fundamentais para a percepção dos lugares e das paisagens.

Elenca-se que, em virtude das brincadeiras lúdicas, as crianças percebem a paisagem seja da escola, ou mesmo, quando vão para fazenda. Essas experiências contribuem para o entendimento se as paisagens são naturais ou antrópicas. Desta forma, a realização deste estudo apoiou-se em revisão de literatura sobre a tema Pensamento Geográfico, as Concepções de Paisagem e Lugar para a criança de entre 3 e 6 anos de idade, experiência em Trabalho de

---

<sup>1</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás Regional Catalão. Email: [laila.snaves@gmail.com](mailto:laila.snaves@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás Regional Catalão. Email: [Marilenedantasacruzmarinho@gmail.com](mailto:Marilenedantasacruzmarinho@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Geografia, Professora adjunta da Universidade Federal de Goiás Regional Catalão [clcgeo@gmail.com](mailto:clcgeo@gmail.com)

Campo nos municípios de Caldas Novas e Rio Quente (GO), além de reflexões da disciplina do Programa de Pós-Graduação em Geografia: Teoria e Metodologia da Ciência Geográfica.

Destaca-se que por meio de brincadeiras e jogos na Educação Infantil é possível elencar sobre conceitos geográficos? Dessa forma realizar essas atividades, como por exemplo caça ao tesouro, que ressalta noções topológicas de (em cima, em baixo do lado). Ao efetuar as brincadeiras e os jogos as crianças estão interagindo com o outro e o meio do qual faz parte.

A escolha da temática se deu pelo fato das crianças terem dificuldade em Geografia quando estão cursando o Ensino fundamental 1 e 2. Parte do princípio se elas iniciarem o conhecimento de conceitos geográficos por meio das noções topológicas e efetuando essas atividades através de brincadeiras e jogos na Educação Infantil poderá ter mais facilidade com a disciplina.

## **Metodologia**

Para realização da pesquisa foi necessário um levantamento de informações sobre a temática apresentada Pensamento geográfico concepções de paisagem e lugar para crianças. Dessa forma, após as leituras e fichamentos foram efetuadas as análises dos textos para a construção do artigo. Salienta-se que este estudo é resultado do trabalho final da disciplina do mestrado em Geografia.

## **Paisagem no contexto do Ensino infantil**

A Categoria Paisagem para Geografia, em aspectos gerais, vinculou-se naquilo que cognominamos de espectro visível, em outras palavras, a ideia de formas visíveis. Porém, a partir do final da década de 1960 e início da década de 1970 as observações geográficas passaram a figurar mais frequentemente nas pesquisas geográficas sobre essa categoria referida. Destacam-se dois aspectos: a perspectiva sistêmica e na cultural (LOPES, 2012).

Elenca-se que a proposta comentada acima sobre paisagem, é abrangida como realidade posta, isto é, realidade objetiva. Destarte, nesse viés, a paisagem apresenta-se como produto dinamicamente imbricado e maleável entre os componentes formadores da paisagem, ou seja, elementos físico-naturais e sociais. Nesse conceito, a paisagem é um conjunto singular, inseparável e em constante mutação. Essa relação complexa entre seus componentes é aprimorada na metodologia geossistêmica, que é hierarquicamente organizado, mas dinâmico e flexível (LOPES, 2012).

Ressalta-se que a perspectiva apresentada nesta seção é a sistêmica, pois, preza abordar a percepção das paisagens. Desta maneira, entende-se a paisagem conforme a realidade objetiva, como o resultado de uma combinação dinâmica e por conseguinte instável, de elementos físicos, biológicos e humanos. Essa interação apresenta-se singular de acordo a cada porção do espaço, sobretudo, toma a paisagem como conjunto individualizado, indissociável e descontínua evolução.

A categoria no qual entendemos que reflete a noção de inter-relação e complexidade é de geossistema, pois congrega uma classe de sistema aberto, dinâmico, flexível e hierarquicamente organizado, sobretudo, obedece teoricamente, a uma paisagem nítida e bem circunscrita. O enfoque geossistêmico contribuiu para revitalizar o caráter de integração e de totalidade da paisagem geográfica (MACHADO, 1988).

Sob a ótica cultural, a paisagem pode ser tomada como mediação entre o mundo das coisas e o da subjetividade humana, no qual, a noção surge ligada com à percepção do espaço: A paisagem, de fato, é uma 'maneira de ser', uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma 'cena' em uma unidade visual (COSGROVE, 1998). Entende-se, que a paisagem é uma cena de uma rua, ou de uma parte de um Bioma que os olhos humanos conseguem enxergar.

Contudo, se tomarmos em conta que a paisagem se trata, de forma mais simples, de uma porção do espaço apreendida com o olhar (FERREIRA, 2013), é necessário ressaltar que o processo perceptivo não se limita a receber passivamente os dados sensoriais, mas os organiza para lhes atribuir sentidos. Portanto, a paisagem percebida é também significada e construída. Sua estrutura e dinâmica são acessíveis ao homem, agem ainda como guias para suas atitudes e condutas. Berque (1998) resume esse entendimento afirmando que:

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação — ou seja, da cultura — que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza (BERQUE, 1998, p. 70).

De acordo com Kalesnik (1958), cada paisagem geográfica tem traços distintos entretanto, no que tange a taxonomia, a unidade superior caracteriza-se não só pela soma das peculiaridades das paisagens geográficas por ela compreendidas, contudo por esta conformidade que exige pesquisas especiais. Todavia, os traços particulares da paisagem geográfica não são um indicio de seu isolamento em relação às outras regiões. Evidenciam-se todas as paisagens geográficas que lhe determinam a qualidade predominante e permitem

distingui-las uma das outras. Não aparecem senão no fundo e sob influência das leis que regem a estrutura e o desenvolvimento de toda a superfície terrestre (KALESNIK, 1958).

É válido lembrar que o conceito de paisagem não se limita a adição de elementos geográficos disparados. É numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpetua evolução (BERTRAND, 1971).

Outro aspecto relevante, é o fato de não se tratar apenas de “paisagem natural” mas, sim, de paisagem total integrando todas as implicações da ação antrópica. Ao analisar certa paisagem, é importante considerar o problema de método. No que tange as classificações elementares, cada disciplina especializada no estudo de um aspecto da paisagem se apoia em um sistema de delimitação. Essa por sua vez, encontra-se mais ou menos esquematizado em unidades homogêneas-hierarquizadas umas sobre as outras (BERTRAND, 1971).

Desta maneira no qual citado anteriormente, a classificação fitogeográfica apresentada por autores como: H. GAUSSEN: ANDAR, ao citar o Mediterrâneo; SÉRIE exemplifica o carvalho verde e, ESTÁRIO o garrigue. Vinculam-se essas unidades específicas que podem, por sua vez, serem qualificadas elementares em relação ao complexo formado pela paisagem. (BERTRAND, 1971).

Evidencia-se a paisagem como sendo heterogênea. Sua definição e limite a jusante é complexo de ser estabelecido, sobretudo, porque as paisagens físicas são, com efeito, amplamente remodeladas a partir da exploração antrópica. A divisão em parcelas de territórios, em comunidades, quarteirões, vão, então, constituir um dos critérios essenciais para taxonomia das paisagens.

Todavia, a aproximação do problema é fornecida por virtude da vegetação, que permite o reativador do meio. Desta forma, as unidades fitogeográficas mencionadas acima (andar-série-estádio) retribuem as massas vegetais perfeitamente definidas tanto no plano fisionômico quanto no plano dinâmico. Assim, a paisagem do Cerrado também é relativamente homogênea, sua flora possuem plantas de fundamental importância para a medicina (BERTRAND, 1971).

As unidades biogeográficas superiores como a Tundra, a Savana e a Floresta Tropical Úmida são denominadas por Biomas. Essas, por sua vez, são massas relativamente homogêneas tanto em sua flora, quanto na sua fauna, no qual, existe uma relação de equilíbrio entre elas e o clima. Bertrand (1971), foi um estudioso das paisagens sob o ponto de vista ecológico. Para ele, as paisagens são divididas em ecótopos, essas, são unidades comparáveis

ao ecossistema. Este método representa um progresso decisivo sobre os estudos fragmentados desenvolvidos por geógrafos e biogeógrafos, pois, ele reagrupa todos os elementos da paisagem e do lugar reservados ao fenômeno antrópico (BERTRAND, 1971).

Neste último parágrafo, salientamos que é importante talhar de forma a paisagem global, tal qual ela se apresenta. Naturalmente a delimitação será grosseira, mas as combinações e as relações entre os elementos, assim como os fenômenos de convergência apareceram, dessa forma, com clareza. Salienta-se que a paisagem não se restringe somente a elementos naturais como, por exemplo, a vegetação de um Bioma ou um rio, pois a paisagem pode ir, além disso, em outras palavras, a paisagem também pode sofrer ação antrópica, e perder suas características primárias.

## **Resultado e Discussão**

Damos ênfase, antes de qualquer coisa, que a paisagem está configurada pelo processo de metamorfose à medida que interagimos sobre ela. Por meio de seus componentes físicos e humanos, a paisagem pode oferecer informações ao observador, no qual, as recebe em virtude do deslocamento que realiza nesse processo, mas, sobretudo, através dos sentidos humanos sensoriais (visão, audição, olfato, tato, paladar). Essas informações são captadas, organizadas ativamente e trabalhadas pelo cérebro, atribuindo diferentes significados. (MACHADO, 1988).

Segundo Machado (2012), na medida em que tenhamos todos os órgãos receptores sensoriais em plenitude, podemos receber determinadas informações pela visão, auxiliada pelos outros sentidos. Os acontecimentos que nos chegam diretamente, por meio dos sentidos, ocupam apenas uma parte do nosso repertório de conhecimentos, pois a outra parte é ocupada por informações adquiridas de maneira indireta, transmitidas por pessoas, na escola, em leituras de livros, pelos meios de comunicação, entre outros.

A experiência, dessa forma, pode ser tanto direta, quanto indireta. Experimentar significa aprender, por exemplo, um morador antigo conhece melhor sua cidade do que um novo morador; um chofer de táxi aprende a andar por caminhos através do seu trabalho, no qual um geógrafo pode conhecer o mesmo caminho, porém de maneiras diferentes, em virtude de estudos geográficos, mesmo que nunca tenha estado lá. Estas são formas de experimentar ou vivenciar, mas, sobretudo, de aprender. A paisagem, nesse exemplo, tem que ser observada, no qual a visão é fundamental nesse processo. Essa é uma maneira de interação entre homem que se integra a paisagem (MACHADO, 1988).

É válido comentar também sobre como o indivíduo percebe a paisagem, pois, as diferentes paisagens contêm cheiros de acordo com suas características, no qual, podem-se remeter, entre outras coisas, recordações significativas para os sujeitos, sejam elas boas ou ruins. Cada indivíduo caracteriza-se também por seus sentimentos topofilicos ou topofobicos ao verem certa paisagem. De diferente teor, as crianças as percebem também por meio das sensações, entre elas, o contato oral: a criança experimenta com a boca.

No que tange os aspectos da paisagem, Caldas Novas (GO), situa-se como uma região diferenciada, de enclave Corumbá e contém aparência de Serra, expondo o material de baixo, o Quartzito. A Geologia da cidade é composta pelo Grupo Araxá, Formação Serra Geral Superficial. Salienta-se que na Serra de Caldas Novas existe um testemunho resquício de Pediplanação, ou seja, Quartzito Fenitizado. Pondera-se também, que a vasão do Rio Corumbá, tem função, entre outras, de escavar e auxiliar na formação da Geomorfologia do Lugar.

Dessa forma, a partir de diferentes relatos descritivos, dos viajantes que passaram pela região Santes Ler ou Caldas Velhas, o antigo Poço do Governador era apreciado pelo possível façanha de sua água ter poderes de cura, de doenças como Reumatismo e Lepra, por isso, várias pessoas vinham até o poço como objetivo de curar essas doenças. É válido dizer que nesta região, o Cerrado Rupestre é recortado por cursos d'água.

Consideramos que, diante da segregação espacial vista em campo, a estrutura da cidade em lugares periféricos, sobretudo, no que correspondem distantes da realidade do turismo, a cidade de Caldas Novas, se destaca pela falta de planejamento. Entretanto, e como foi discutido em trabalho de campo no referido município, que essa “falta de planejamento”, pode ser também um aspecto planejado pelo poder público. Caldas Novas é uma cidade centenária, cuja a estrutura financeira é o turismo e o setor de serviços. A cultura pelo turismo, nesta cidade, é considerada em partes, elitizada, visto os condomínios e redes hoteleiras de luxo, utilização de águas termais lagos, entre outros.

### **Categoria Lugar e o olhar da criança**

De acordo com JR, HOLZER e OLIVEIRA (2014), em estudo sobre o Lugar que, no dicionário, o verbete é um substantivo masculino do antigo latim: lōgar, lōcus e local como adjetivo. Assim encontraram-se dezoito vocábulos para designar esta categoria. Elenca-se que o conceito de lugar, pode ser confundido com de espaço ocupado, no qual empregaremos aqui

esse termo. Em outras palavras, o Lugar, pode às vezes, significar localidade, região e até país, são termos subjetivos para alguns.

As categorias espaciais tem se configurado nas Ciências Sociais. Na concepção de Cabral (2007) contraditamos essa tendência, ao revisitar as noções de espaço, lugar, paisagem, e território com intuito de valorizar o debate mobilizado pela geografia, no sentido de reconhecer, que cada categoria deve ser utilizada para identificar e interpretar dimensões mais ou menos distintas da realidade socioespacial. Salienta-se que a categoria busca interpretar dimensões parcialmente distintas da realidade (CABRAL, 2007).

Ainda para Cabral (2007), o objeto de investigação não é um dado *a priori*, mas sim uma construção, dessa forma, acredita-se ser, em tese, desnecessário defender a busca por um objeto cuja existência é separada, isto é, um objeto geográfico em si. Ele continua a dizer que, não se deve defender a dimensão espacial, e, por conseguinte as categorias espaciais, seja ele, um objeto exclusivamente geográfico.

É interessante promover a interpretação dos fenômenos através de uma renovada análise espacial, por exemplo, Ferreira (1984) nos aponta como categoria do pensamento geográfico, a evolução do conceito de Lugar, no qual, vinculou-se à trajetória da geografia humana, principalmente através de dois ramos: a geografia humanista e a geografia radical. O conceito de lugar foi vinculado pela geografia humana, pois, uma rua o bairro pode ser considerado o lugar de vivência.

No ponto de vista da geografia humanista, existe interesse pela subjetividade da relação homem-ambiente. A preocupação está na definição do lugar como base fundamental para a existência humana, bem como, a experiência ou centro de significados, que se encontra em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos Espaço (HOLZER, 1999). Tuan (1983) afirma que espaço e lugar são termos familiares e complementares: o que começa como espaço indiferenciado acaba assumindo a configuração de lugar ao conhecermos e o dotarmos de valor.

Evidencia-se que através do lugar é possível focalizar o espaço em torno das intenções, ações e experiências humanas — desde as mais banais até as eventuais ou extraordinárias — e a sua essência é ser o centro onde são experimentados os eventos mais significativos de nossa existência: o viver e o habitar, o uso e o consumo, o trabalho e o lazer etc., sobretudo, porque [...] toda consciência não é meramente consciência de algo, mas de algo em seu lugar (RELPH apud HOLZER, 1999).

Entende-se como necessário ressaltar que o sentido de lugar não está limitado ao pragmatismo da ação e da percepção. Sua experiência, direta ou simbólica, se constitui em

algumas escalas: o lar, como provedor primário de significados; a localidade ou bairro, como campo de sociabilidade; a cidade; as regiões; o Estado-nação e até mesmo o próprio planeta. Todavia, como assegura Holzer (1999), é preciso admitir que, tanto para o indivíduo como para o grupo, o aumento da abrangência impossibilita, progressivamente, um relacionamento espacial direto, remetendo-nos a uma visão cada vez mais fragmentária dos lugares, a uma "visão em arquipélago".

Os lugares íntimos, como os nossos lares, são aconchegantes no inverno, em períodos chuvosos, nos momentos de enfermidades, festividades, descanso, etc., entretanto, é costumeiro que o primeiro lugar íntimo para as crianças, estão nas afetividades com pais. Depois, consideramos o lar como lugar íntimo na fase infantil, pois a casa está repleta de objetos habituais da realidade destes sujeitos. Em resumo, o lugar de vivência das crianças, primeiramente, corresponde pelo corpo da mãe, posteriormente, o quarto, onde o sentimento topofílico é desenvolvido.

### **Percepção do lugar para a criança**

Tuan (2012) elenca a topofilia como o estudo da percepção dos valores e atitudes que o indivíduo tem com o meio ambiente pelo qual faz parte. Dessa maneira, os cinco sentidos perceptivos do ser humano são analisados, entre eles, o primeiro é o sentido da visão. Esta é uma habilidade inata, no qual se apresenta à medida que a criança aprende a identificar referenciais, como a perspectiva linear e paralaxe, com o objetivo, entre outros, de perceber a forma redonda da face humana.

Bebês com oito semanas de idade são em tese, mais capazes de discriminar profundidade e orientação, considerando tamanho e constância da forma. Porém, é válido dizer que o tempo e a experiência são necessários para o desenvolvimento da visão tridimensional. Assim os bebês vão se desenvolvendo com o passar do tempo por meio de experiências. Destaca-se, que os bebês de 7 meses fazem das suas mãos e dos seus pés de brinquedos (TUAN, 2012).

Tuan (2012), afirma que as mãos e o tato fazem parte dos cinco sentidos do indivíduo. Assim, a natureza essencial do tato nos é demonstrada, a partir de uma reflexão que uma pessoa que perdeu a visão, ainda pode atuar no mundo de forma eficiente. Contudo, o sentido do tato ainda pode trazer alguns questionamentos, quanto a sobrevivência, pois, o tato



é a experiência direta da resistência e do mundo como um sistema repleto de pressões, que possam persuadir a existência de certa realidade, independente de nossa imaginação.

Haja vista que para Tuan (2012), ver não é acreditar. Em virtude disso, Cristo se ofereceu para ser tocado pelo Apóstolo incrédulo. Desta forma, a relevância do tato para o conhecimento é sugerido pela expressão idiomática inglesa *to keep in touch* ou *to be out of touch*<sup>2</sup>, usada não somente em relação às pessoas, mas também aos campos de aprendizagem (TUAN, 2012). Os infantes se desenvolvem por meio do tato, desse modo, os tapetes sensoriais podem ser inseridos objetos ásperos, lisos, macios, líquidos morno e frio. As brincadeiras para desenvolver as sensações são fundamentais para o conhecimento da criança.

Em uma espécie de “jogo sem objetivo”, as crianças tendem a aprender sobre o mundo, sobretudo, elas desenvolvem a coordenação corporal como consequência. A movimentação, o contato e manipulação, facilitam o aprendizado da realidade, por meio de objetos e, de certa forma, na estruturação do espaço. Num estrado inicial, o desenvolvimento infantil, mais precisamente, dos três aos quatro anos de idade, os jogos lúdicos, que estimulam as crianças, começam a ser governado por temas.

O jogo ocorre no contexto das histórias que ela conta a si mesmas. Estas versões transfiguradas de suas experiências em um mundo dirigido por adultos, das histórias que lhe são contadas e dos pedacos de conversas ouvidas de modo que suas atividades e explorações são cada vez mais dirigidas por valores culturais. Embora todos os seres humanos tenham órgãos dos sentidos similares, o modo como suas capacidades são usadas e desenvolvidas começa a divergir numa idade bem precoce (TUAN, 2012, p. 30).

A criança reproduz histórias que lhe são narradas, assim os infantes interagem com o ambiente a sua volta. Tuan (2012) diz que o infante é sem mundo na medida em que não pode distinguir entre o eu e o meio ambiente. O infante percebe e responde junto ao estímulo ambiental; provavelmente, discrimina mais qualidades do som que as imagens visuais, principalmente, ele é altamente sensível ao tato. Vinculado à mãe, o infante está misteriosamente consciente do seu estado de ânimo, sobretudo, pela maneira como é carregado. Ele está consciente das mudanças sutis de pressão e temperatura, pois a mãe não é reconhecida como um indivíduo separado.

Ao redor da quinta semana, os olhos do bebê podem fixar-se em objetos. A primeira configuração que ele reconhece é o rosto humano, mesmo a abstração de um rosto, como dois pontos e uma linha desenhada em um pedaço de papel. Ele não pode, no entanto, discriminar entre objetos geométricos de arestas agudas, como quadrados e triângulos (TUAN, 2012, p. 86).

---

<sup>2</sup> Em português: manter contato ou estar fora de contato.

Importante salientar que a partir de quase dois meses, o bebê pode fixar-se em objetos. Nesse sentido, uma das primeiras configurações que o mesmo reconhece é o rosto humano, especificamente, o da mãe. Haja vista, quando o bebê olha para alguém, seus olhos tendem a se fixar em partes do corpo como a boca, os olhos, as mãos etc.

Contudo, somente por volta de, mais ou menos 8 meses que o bebê percebe outra pessoa. Entende-se que a experiência espacial do bebê está estritamente circunscrita. O recém-nascido tem a concepção de espaço oral, através da qual o espaço é o aquele que ele conhece, em virtude da exploração bucal. Parte-se do princípio que a sua respiração pode fornecer um tipo de orientação espacial. A posição no qual mãe organiza o berço, seja ela na horizontal, e/ou quando a mãe coloca a criança em posição de eructação, está lhe posicionando sobre certa espacialidade (TUAN, 2012).

Nesse ponto de vista, as crianças sorriem para outro rosto humano, mas, todavia, sorriem também até para um pedaço de papel com pontos, isso sugere que ele não distingue, visualmente, entre objetos animados e inanimados. No período sensório-motor, contudo, ele, provavelmente pode discriminar entre a matéria viva ou não. A criança é animista: responde a todos os corpos em movimento como se fossem vivos e dotados de movimento próprio (TUAN, 2012).

Enfatiza-se ainda, por exemplo, que crianças com faixa-etárias de até 6 anos idade, podem analisar aspectos naturais como as nuvens, o sol e a lua, como sendo elementos vivos. Entende-se que no imaginário infantil, aspectos concretos estão reduzidos a suas realidades imediatas. Em detrimento do desenvolvimento infantil, o espaço pode não estar muito bem estruturado para as crianças entre cinco e seis anos. Assim, esses sujeitos não concebem o espaço como um ambiente analisável em diferentes dimensões.

As crianças de cinco e seis anos não tem uma visão macro do espaço, isto é não entendem que a cidade faz parte do Estado. Por esse motivo as crianças com 3 anos têm que iniciar com conceitos topológicos. Por fim, Tuan (2012) nos diz que, geralmente nessa fase infantil mencionada é que se torna para as crianças, alguns aspectos conscientes, como, por exemplo: para acima e para baixo, lado esquerdo e direito, frente e para trás. A explicação é que tais aspectos derivam da estrutura do corpo humano; outras dimensões como aberto e fechado, compacto e difuso, agudo e obtuso, são contextualizadas em fase mais adiante na vida das crianças.

## **Considerações Finais**

Portanto, quando a Geografia estava no processo de sistematização, surgiram alguns conceitos sobre a Categoria Paisagem. Enfatiza-se que La Blache, empregou conceitos sobre esta categoria geográfica. Antes da contribuição deste estudioso, o conceito de Paisagem tinha bases descritivas dos elementos. Sabemos, que esses conceitos estão vinculados, entre outras coisas, pela a cultura do indivíduo, os elementos naturais e socioeconômicos.

A categoria Paisagem se caracteriza-se pela sua dinamicidade, pois, os elementos físicos como o clima, o solo, a geologia, o relevo, a vegetação, assim como o homem, estão em constantes modificações e interações. Nesse sentido a Paisagem pode ser dividida em ecotópos que são unidades comparadas ao ecossistema. Assim, na paisagem, o homem realiza as modificações em determinado lugar.

Na prática de observar a paisagem, o indivíduo desenvolve sentimentos topofílicos ou topofóbicos, isto são as recordações representadas ao observar as Paisagens. As sensações podem ser tanto de alegria, quanto de tristeza ou medo. Desse modo, as crianças de dois anos de idade tendem a apreender e conhecer também os objetos através destas sensações. Por meio da fase de desenvolvimento oral é normal acontecer contato dos objetos, folhas ou brinquedos, por exemplo, pela boca.

As crianças desenvolvem-se cognitivamente, a partir da interação com outros sujeitos e o lugar da no qual está inserido. Em virtude de brincadeiras lúdicas como o Jogo de Papeis Sociais e Caça ao Tesouro, elas podem aprender sobre noções topológicas, como: em cima, em baixo e para os lados. Entendemos que a partir dessas brincadeiras educativas, as crianças poderão ter novas formas de apreender sobre conceitos geográficos.

Por último, vale comentar que a Paisagem da cidade de Caldas Novas (GO) apresenta alguns contrastes, pois, no centro da cidade existem prédios robustos, redes hoteleiras luxuosas, que prendem a atenção do Turista. Contudo, ao visitar os Bairros Jequitimar e Camburi percebeu-se que o poder público não investe nas estruturas básicas, como rede de esgoto, ruas asfaltadas, entre outros, para melhorar as condições de vidas dos moradores. Não há transporte público, água tratada ou iluminação nas ruas. O que se sabe, é que muitos moradores-trabalhadores que trabalham no comércio turístico de Caldas Novas vivem em péssimas condições de vida.

## Referências

BERTRAND, G. **Caderno de Ciências da Terra**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1971.

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

BRASIL, MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

CABRAL, L. O. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. *Revista de Ciências humanas: Florianópolis: EDUFSC*, v: 41, n.1 e 2, p. 141-155, abril e outubro de 2007.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação Geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. *Cad. CEDES* v.25 n.66 Campinas maio/agosto. 2005.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. p. 92-122.

FERREIRA R.V., Dantas M.E., Shinzato E. 2013. **Origem das paisagens do Estado de Pernambuco**. In: Torres, F.M.S., Pfaltzgraff, P.A.S. Ed. 2013. *Geodiversidade do Estado de Pernambuco*. Recife: CPRM – Serviço Geológico do Brasil, p. 51-71. (Cap. 4).

GIOMETTI, A. B. R. de.; PITTON, S. E. C. de.; ORTIGOZA, S. A. G. *Leitura do Espaço Geográfico através das Categorias: Lugar, Paisagem e Território*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista. (UNESP), 2012.

HOLZER, W. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). *Qual o espaço do lugar?*. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. *Revista Território*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

KALESNIK, S. V. A. A Geografia Física como Ciência e as Leis Geográficas Gerais da Terra. Tradução: de Roberto Monteiro de Oliveira. *Annales de géographie*, Paris a. LXVII, v. 362 p. 385-403. Set/out, 1958.

LOPES. J. G. As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 16, n. 2, maio/ ago. 2012. ISSN 2236-4994.

MACHADO, L. M. C. (1988). *A serra do mar paulista: um estudo da paisagem valorizada*. Rio Claro: ICGEUNESP (Tese de Doutorado).

MORMUL, N.M.; Rocha, M. M. Breves Considerações Acerca do Pensamento Geográfico: elementos para análise. Produção do espaço e dinâmica regional DOI: 10.5902/22364994/7916. *Geografia Ensino & Pesquisa*, vol. 17, n. 3, set./ dez. 2013.

TUAN, Y. 1930 **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

SANTOS. M. **Por uma Geografia Nova**: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.